

Mercado de olho nas urnas

Para analistas, com fim da desculpa do nervosismo pré-eleitoral, chegou a “hora da verdade” do dólar

ALBERTO KOMATSU E
REPÓRTER DO JB

SÔNIA ARARIPE
EDITORA DE ECONOMIA

Hoje, as atenções do mercado financeiro estarão voltadas para o resultado das urnas. numa eventual vitória de Luiz Inácio Lula da Silva, do PT, muitos analistas consideram que terá chegado a “hora da verdade” para o dólar, que absorveu todo o nervosismo pré-eleitoral e ficou perigosamente perto dos R\$ 4.

Para economistas ouvidos pelo Jornal do Brasil, a cotação da moeda americana não deve recuar significativamente com os resultados do pleito. O ex-ministro João Paulo dos Reis Veloso adverte que os solavancos do mercado dos últimos meses mostram que não é hora de crer em ânimos acalmados.

– Qualquer previsão é puro palpite. O mercado está completamente irracional. E, dessa forma, não dá para acreditar que o movimento passará a ser técnico apenas por conta da realização das eleições. As dúvidas ainda são imensas. Qual será a equipe econômica do futuro presidente? Como será a fase de transição? – considera.

O economista-chefe do Banco Itaú e ex-diretor do Banco Central, Sérgio Werlang, observa que seria muito importante a definição ao menos dos cargos mais importantes do futuro governo. E cita o caso dos ministros da Fazenda, do Planejamento, das Comunicações, das Relações Exteriores e, é claro, da presidência do BC.

– Esses nomes ajudariam a dar credibilidade e acalmariam o mercado. Costuma ser assim depois que os resultados saem e os nomes são indicados. Mas is-

so não quer dizer que esse cenário irá se repetir dessa vez – lembra Werlang, que observa ainda que o quadro da economia internacional ainda terá muito impacto no ritmo do mercado brasileiro.

Um dos principais assessores econômicos de Lula, Guido Mantega, reconheceu na semana passada que o dólar “não deve retroceder”. Para ele, que também é professor da Fundação Getúlio Vargas, o dólar tem sido afetado pelas “condições adversas do cenário internacional”, como a desaceleração da economia americana e as quedas das bolsas internacionais.

O ex-diretor do BC Carlos Thadeu de Freitas tem opinião parecida. Para ele, o dólar só tende a recuar frente ao real em 2003. Um dos fatores de pressão

até o fim deste ano, diz, é o vencimento de US\$ 3,6 bilhões em títulos cambiais, no próximo dia 17 (*leia mais abaixo*).

– Se o BC não rolar essa dívida, vai haver pressão sobre o dólar – conta Freitas, enfatizando crer que a instituição conseguirá rolar essa dívida.

Freitas, que também é professor do Ibmec Business School, acredita que a eventual transição da equipe econômica de Fernando Henrique Cardoso para a de Lula já estava sendo armada meses antes das eleições.

– A transição já estava sendo feita no dia-a-dia. Como o PT vinha reconhecendo que o Fundo Monetário Internacional era necessário, não deverá haver solavancos – diz.

Para o economista, o primeiro grande passo da equipe de

um possível governo Lula será restaurar a credibilidade do país no mercado internacional para permitir uma volta do financiamento externo. Na opinião de Freitas, isso só será alcançado se a equipe petista puder participar das próximas reuniões com o FMI e mostrar que está disposta a seguir o “receituário” do Fundo, pois “não há outra alternativa”.

Outro ponto importante para a transição, segundo Freitas, é permitir a continuidade do trabalho que já vem sendo feito pelo BC, mas só com uma ressalva. O banco não deveria queimar as reservas cambiais para conter a alta do dólar, de forma que Lula possa iniciar seu governo munido delas. Além disso, ele prega que alguns preços, como o da gasolina, deveriam ser reajustados agora, para que “comecem alinhados” o próximo ano. As perspectivas para os seis primeiros meses de 2003 não são muito animadoras, na visão de Freitas.

– No primeiro semestre, não vai haver espaço para crescimento, por causa da pressão inflacionária e com o mercado externo fechado para o Brasil – diz. Para Freitas, a recuperação deverá vir no segundo semestre, quando o país começará a ficar menos dependente do capital estrangeiro.

O professor da FGV Luiz Carlos Ewald acredita que o dólar deve recuar a partir de hoje. Até o fim do ano, ele acredita que a cotação da moeda americana fique entre R\$ 2,80 e R\$ 3. Para Ewald, vai valer a máxima do mercado financeiro, a de que “compra-se no boato e vende-se no fato”.

Para o diretor da corretora Ágora Sênior Álvaro Bandeira, a transição para o próximo governo pode ser tranquila. Mas só se a equipe econômica for anunciada com rapidez. Até o fim do ano, na avaliação dele, o dólar deve ser cotado entre R\$ 3 e R\$ 3,20, porque o atual patamar está exagerado.

– O mercado já *precificou* (*embutiu na cotação do dólar*) a vitória de Lula no primeiro ou no segundo turno.

**Analistas
pedem
indicação
rápida
da equipe
econômica**

